

DOS EFEITOS DURADOUROS DO NAZISMO: RESENHA DE *O CÉU QUE NOS OPRIME*, DE CHRISTINE LEUNENS, E *JOJO RABBIT***SOBRE LOS EFECTOS DURADERO DEL NAZISMO: UNA RESEÑA DEL *O CÉU QUE NOS OPRIME*, POR CHRISTINE LEUNENS, Y *JOJO RABBIT*****ON THE LONG TERM EFFECTS OF NAZISM: REVIEW OF *CAGING SKIES*, BY CHRISTINE LEUNENS, AND *JOJO RABBIT*****SERGIO SCHARGEL¹**

Quando *Jojo Rabbit* foi aos cinemas ao final de 2019, Christine Leunens era um nome quase desconhecido no Brasil. Naturalmente, o sucesso da obra e sua indicação para o Oscar de melhor filme abriram as portas para sua publicação e distribuição no país, repetindo o processo feito com diversos outros filmes que só após seu sucesso vêem o livro que os inspirou recebendo atenção.

Mas *O céu que nos oprime*, de autoria de Christine Leunens, escritora estadunidense-belga-neozelandesa, é um dos raros exemplos, ante a sabedoria popular, em que o filme é melhor do que o livro. Não que o livro seja ruim, longe disso, mas as alterações sobre a obra fonte feitas por Taika Waititi, bem como o seu Hitler imaginário, adicionam uma camada a mais sobre o livro. Na verdade, há pouco de *Jojo Rabbit* em *O céu que nos oprime*, e talvez seja



LEUNENS, Christine. *O céu que nos oprime*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

¹ Doutorando em Letras (USP). Mestre em Letras (PUC-Rio). Mestre em Ciência Política (Unirio). São Paulo (SP), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0215890727285473>. E-mail: sergioschargel@gmail.com.

melhor para o leitor/espectador encarar ambos como obras fundamentalmente distintas, já que a adaptação em muito se difere do adaptado. Claro que a essência do enredo permanece: um jovem da *Hitlerjugend*, Johannes, se apaixona pela refugiada judia que sua família esconde em sua casa. Mas as semelhanças param por aí, todo o demais se modifica: da idade de Johannes a Hitler como amigo imaginário, do pai morto ao cativo doentio que Johannes impõe sobre Elsa Korr.

Mas é na segunda parte que o enredo se altera, se torna intenso e claustrofóbico, algo estranho a *Jojo*. Se o filme consegue mesclar momentos de drama com humor – trazendo Hitler como uma figura patética que, paradoxalmente, é eficiente por humanizá-lo e mostrar a influência da propaganda sobre a população, mas pode ser igualmente criticado pelo mesmo motivo, ao tratá-lo como um bonachão –, o livro não tem qualquer pretensão humorística. Ao contrário, a história caminha à angústia dramática em sua segunda parte, conforme Johannes, como uma espécie de inversão do protagonista de *A vida é bela*, inventa histórias para convencer Elsa que a Alemanha venceu a Guerra, na tentativa de mantê-la próxima de si.

Jojo Rabbit se pauta pelo humor para, através dele, criticar a violência da Guerra e da propaganda. Mas o humor assume protagonismo: é através dele, na fronteira diluída entre o riso e o horror, que o filme se sobressai. Pois consegue, ao mesmo tempo, mostrar o impacto do nazifascismo em uma criança, em uma perspectiva completamente distinta da de *Complô contra a América*, por exemplo, e humanizar a figura de Hitler. Neste duplo exercício, tanto Hitler quanto o Nazismo são tratados como o maior dos males: o humano. Pois, no seguinte à Guerra, tornou-se praxe obras que tornam os nazistas literalmente monstruosos, ao ponto de fundar um subgênero, o *Nazixploitation*. A grande problemática dessa visão é, em última instância, isentar a população de todo um país pela violência que cometeram, como se apenas o Messias nazifascista fosse o culpado, como um grande hipnotizador.

Entre as inúmeras interpretações do nazifascismo, uma em particular se destaca sobre este ponto: a psicanalítica. Com expoentes como Wilhelm Reich (2001), Theodor Adorno (2019) e Hannah Arendt (1999), ainda que sozinha seja insuficiente para compreender um fenômeno tão amplo, foi essencial por evidenciar as estruturas psíquicas e o papel das emoções (em particular o ressentimento) sobre a disseminação e propaganda. Adorno *et al* em *A personalidade autoritária*, por exemplo, trabalhou quantitativamente com a predisposição e a cultura política autoritária da população civil – adormecida em tempos de bonança, mas facilmente excitável na tempestade. Enquanto Hannah Arendt em *Eichmann em Jerusalém* preferiu se dobrar sobre a mediocridade ordinária de um nazista, evidenciando que por mais que a violência por ele cometida fosse monstruosa, Eichmann não era mais do que um arrivista imerso em individualismo, como milhões de outros.

O céu que nos oprime e *Jojo Rabbit* dialogam com ambos. Por um lado, o livro em sua primeira parte traz um Johannes completamente absorvido pela propaganda no cenário que se segue ao *Anschluss*, mas que se dilui conforme o enredo progride. Já no filme, utilizando o humor uma vez mais, Johannes toma a propaganda como verdade de tal forma que o Hitler imaginário com que dialoga é o exemplo mais claro. Em ambos, porém, Elsa desempenha o ponto de inflexão sobre o qual a propaganda nazista vai perder gradualmente o efeito. Nesse sentido, se destaca a narrativa em primeira pessoa do livro: o leitor caminha junto com Johannes em seu processo, desde a infância até o ápice de sua loucura; o leitor passa a ver todos os processos pelos quais Johannes passa, toda a influência das ideias e do ambiente da Viena nazista sobre o protagonista, e como isso, posteriormente, irá influenciar na relação patológica que mantém com Elsa.

Já *O céu que nos oprime* não concede qualquer espaço para o humor. Conforme a solidão de Johannes cresce em paralelo a sua loucura, a narrativa se centraliza, cada vez mais fechada, cada vez mais mundana. Ao final, não há sombra dos traços pueris do Johannes do filme ou do início do livro. Mas o que a obra mostra, ainda mais explicitamente do que *Jojo Rabbit*, é o quão monstruoso o humano pode ser, e o quão próximo uma figura está da outra. Por um lado, o enredo evolui em uma perspectiva distinta e interessante para um relacionamento opressivo e doentio, conforme a Guerra termina e Johannes mantém Elsa em cárcere através da mentira, ao ponto de destruir todos os demais aspectos de sua vida por seu desejo obsessivo. Por outro, a impressão é que as duas metades do livro dialogam pouco entre si. A mudança de Johannes de um infante curioso e alegre para um adulto agressivo e compulsivo, por mais que possa ser explicada por sua deformação física, sua solidão com a perda da família e a propaganda – um ponto chave, por mostrar que os efeitos do Nazismo, mesmo entre os perpetradores, não desapareceram da noite para o dia -, parece um tanto súbita. Se o leitor apreende a sua autodestruição pela obsessão, esta parece surgir abruptamente. Em um dia, Johannes clama a destruição dos judeus. No seguinte, sacrifica tudo para permanecer junto da refugiada que mora em sua casa.

O céu que nos oprime é interessante e vale a leitura, tanto para pesquisadores e estudiosos do nazifascismo, quanto por aqueles que buscam uma ficção bem escrita. Especialmente na segunda metade, Leunens joga com destreza com a involução de seu protagonista: de uma criança comum a um adulto psicótico, em um *bildungsroman* distorcido. Entretanto, deve ser encarado como uma obra independente de *Jojo Rabbit*, pois quase nada do material fonte foi transposto à tela. Se em *Jojo* Hitler e o Nazismo desempenham papel fundamental, e o enredo se torna secundário frente a crítica à banalização do Nazismo, em *O céu que nos oprime*, Hitler e o Nazismo são o cenário, o pano de fundo, mas secundários e

mesmo insignificantes na segunda metade, frente ao angustiante relacionamento que o romance desenvolve.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *et al. Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ARENDRT, Hannah. *Eichmann em Jesuralem: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JOJO RABBIT. Direction: Taika Waititi. Production: Carthew Neal; Taika Waititi; Chelsea Winstanley. 2019. 1 DVD.

LIFE IS BEAUTIFUL. Direction: Roberto Benigni. Production: Gianluigi Braschi; Elda Ferri. 1999. 1 DVD.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

Idioma original: Português
Recebido: 20/03/23
Aceito: 15/10/23